

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º a entrega	17.º Anno — XVII Volume — N.º 570	Redacção — Atelier de Gravura Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Portugal (franco de porte, m. forte)	3\$800	1\$900	6950	\$120	21 DE OUTUBRO DE 1894	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	4\$000	2\$000	—	—		
Extrang. (união gera! dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		



CHRONICA OCCIDENTAL

Hão de permitir-me hoje, meus amáveis leitores, que, por uma vez sem exemplo, abrindo uma excepção aos meus hábitos de chronista do OCCIDENTE, vá buscar ao estrangeiro o assumpto para esta minha chronica.

E justifico o pedido d'esta excepção com duas razões que me parecem excellentes: a primeira, o interesse do assumpto que vou buscar e que se refere a uma individualidade artistica celebre em todo o mundo, e muito conhecida e muito querida em Portugal; a segunda razão que dispensaria a primeira, diz-me respeito sómente a mim, a dificuldade em que o agravamento da impertinente doença que ha semanas me incommoda, me collocou de estar a procurar assumptos, que só poderia tratar curando por informações, visto a enfermidade me trazer afastado de todos elles.

E dito isto em guisa de prefacio, vamos ao assumpto que me seduziu e que com certeza interessará todos que me lerem, como me interessou a mim, porque diz respeito a uma artista que tem tido o condão de n'estes ultimos quinze annos ser o grande acontecimento theatral não só da França, não só da Europa, como tambem do mundo inteiro — a grande Sarah Bernhardt.

Não ha ninguem no mundo que não conheça pelo menos de fama, de reputação o nome glorioso da grande artista, mas o que quasi toda a gente ignora, mesmo aquelles que mais enfiados andam em coisas de theatro e em historias de bastidores, é como foi que Sarah Bernhardt começou no theatro de que havia de ser a mais refulgente gloria, como foi o alvorecer na scena d'esse astro destinado mais tarde a ser a estrella de primeira grandeza no vasto céu da arte contemporanea. E exactamente por quasi todos ignorarem os primeiros passos de Sarah Bernhardt no theatro, é que nós achámos um grande interesse na narrativa dos *debutes* da famosa artista, contados por uma testemunha ocular, pelo sr. Duquesnel, o antigo socio do actor Chilly, na direcção do theatro do *Odeon*, narrativa que ao mesmo tempo que tem um grande interesse como subsidio para a historia dos artistas dramaticos francezes no ultimo quartel do século XIX, é como exemplo,

d'uma grande consolação para todos aquelles que ao darem os seus primeiros passos no theatro encontram na sua frente a hostilidade cruel do publico e da critica, que sem a mais ligeira cerimonia, sem a mais pequena hesitação se atreve a lançar-lhe um veredictum condemnatorio, como aconteceu com o nosso grande Tabora, a quem Emilio Duux, mandou tratar d'outro officio, como aconteceu ao nosso illustre Valle a quem o seu primeiro ensaiador disse que pelo theatro nunca faria cousa alguma.

Mas vamos aos debutes de Sarah Bernhardt. No mez de junho de 1866 Duquesnel, então socio do actor Chilly, na direcção do *Odeon*, como já dissemos, andava a procura d'uma ingenua para o seu theatro e passeava pelo *boulevard* de mãos nas algibeiras e nariz para o ar, como que esperando que do céu lhe cahisse a ingenua desejada. Do céu não lhe cahiu coisa alguma, mas na terra esbarrou com Camille Doucet o auctor dramatico então já illustre e chefe da repartição dos theatros no ministerio das Bellas Artes.

— O que é isso? Para onde vae? Anda assim

com ares de Diogenes quando procurava um homem? disse-lhe Camille Doucet.

— Não é um homem, é uma mulher, que eu procuro. O sr. que conhece o pessoal regular e irregular de todos os theatros não me poderá indicar uma ingenua?

— E' boa! não esteja com cerimonia: porque não me pede logo a lua?

— A lua não, não quero tanto, basta-me uma estrella, uma estrellinha!

— Espere ahi. No anno passado no concurso do conservatorio appareceu uma rapariga com certas qualidades — uma menina Sarah Bernhardt. Vi-a depois no theatro francez onde debutou sem dar que fallar de si: depois representou no *Gymnasio* no *Demonio do Jogo* do Barriere, e perdi-a de vista. Ella é muito facil de perder de vista, quasi que não se vê, é muito aerea, fluida...

— E tem talento?

— Talento? Quer uma Rachel ou uma Dorval? Tem mocidade, tem habilidade e já é muito: o talento não vem senão mais tarde, com os cabellos grisalhos: mas falle com ella.

— Onde mora? Onde posso encontral-a?

— Sei lá! procure-a.

A sorte protegeu Duquesnel.

Ao separar-se de Camille Doucet, logo, d'ali a nada, encontrou Theodoro Barriere. Perguntou-lhe logo pela Sarah Bernhardt.

Barriere estava furo com ella por que se satara do theatro sem dar cavaco e deixando em meio as representações do *Demonio do Jogo*.

— Bem sei quem é. É uma alta, chata, parece uma espada de soldado d'infanteria. E' branca como papel de cartas; tem olhos de faiança, cabellos de crina e uma voz de mirliton. Nunca pára no mesmo sitio, mas se contas com ella para salvar o theatro vae tomando as tuas precauções e arrançando outra para reserva, sempre pelo sim pelo não.

Passado o seu primeiro momento de mau humor Barriere, continuou desfazendo um bocadinho o mal que tinha feito.

— No fim de contas, a tal Sarah, pode ser que não seja muito má de todo. Olha, tem uma vantagem sobre as outras, é nova, o que já é bastante, e tem 32 dentes emquanto que eu conheço muitas ingenuas que não tem senão 24 e ainda assim, montados em ouro, o fructo de todas as suas economias. Experimenta a Sarah, no *Odeon*, experimenta.

Se Theodoro Barriere bem lh'o disse, Duquesnel melhor o fez. Descobriu onde morava a Sarah Bernhardt, e escreveu-lhe pedindo-lhe que lhe fosse fallar.



FERNANDO DE MAGALHÃES E MENEZES — NOVO GOVERNADOR GERAL DA PROVINCIA DE MOÇAMBIQUE

(Copia de uma photographia do sr. Fonseca & C.º)

os religiosos que haviam de prestar o seu auxilio espirital aos condemnados para se apresentarem no tribunal da uma até as duas da tarde; notificou-se aos relaxados por um notario que o estavam; ataram-se-lhes as mãos e deram a cada um um padre que lhe cuidasse da alma, cabendo ao pobre Villa-Real ser amarrado pelo guarda Bernardo João e ajudado pelo jesuita Matheus de Figueiredo; mandou-se recado ao thesoureiro da capella d'El-Rei para fazer armar os altares do cadafalso e ao reposteiro-mór para o fazer revestir de pannos, como era uso; no sabbado de manhã avisaram-se os familiares que deviam acompanhar os presos para se acharem no pateo da Inquisição no domingo de madrugada, e o prior de S. Domingos para mandar a comunidade a hora marcada, a fim de levar o guião de S. Pedro Martyr e de entrar na procissão; e juntaram-se as sentenças aos processos; á tarde chamaram-se os homens que deviam conduzir as estatuas dos condemnados e as arcas dos processos; os quaes dormiram no pateo da Inquisição, para estarem promptos logo de manhã cedo; á noite fizeram-se quatro copias da lista dos presos que iam no auto: uma para o alcaide, na qual se puzeram só

se desmandassem; os penitenciados em numero de cincoenta, sendo vinte e oito homens e vinte e duas mulheres, cada um com o seu familiar; o capellão do carcere da penitencia, levando nas mãos eruido o crucifixo e rodeado de seis familiares com tochas; e logo após cinco relaxados; quatro homens e uma mulher, com os religiosos que lhes assistiam; dois em estatuas, por haverem morrido nos carceres; e varios ministros da justiça para os livrarem do furor e das violencias do povo fanatico. Pouco depois de sahir a procissão do pateo inquisitorial, partiram para o auto as arcas dos processos com dois familiares; e, interposto o tempo necessario para ella entrar no Terreiro do Paço, os inquisidores e mais ministros do Santo-Officio, a cavallo, precedendo-os o meirinho com a vara levantada.

Chegado o acompanhamento ao cadafalso, presentes El-rei e a familia real, tomados os seus logares pelo inquisidor geral, D. Francisco de Castro, bispo da Guarda, e pelos senhores do Conselho, inquisidores, deputados, cabido e mais pessoas para elle convocadas, subiu ao pulpito frei Luiz de Sousa, abbade geral de Alcobaca, e portanto esmoler-mór, e prégou o

nhas naturaes, com a respectiva letra em grossos caracteres gothicos, tem as letras iniciaes muito bem desenhadas, bicoloridas.

E' muito original a miniatura que illustra a primeira folha a qual á esquerda, de alto a baixo, se desenvolve em arabescos guardando figuras e animaes. Começa por um morcêgo de azas abertas.

E' muito bonita d'arabescos a letra inicial, é um R.

Como dissémos principia este livro com o officio da Paschoa. Vê-se, pois, encimando a primeira pagina: *In die sancte resurrectionis ad missam. Introitus.*

Livro de Missas, livro sexto. Principia no domingo da Paixão.

E' em pergaminho de tamanho maximo. E' livro de cantochão e pertence ao seculo xvi.

Como manuscripto illuminado nada nos offerece de notavel a não ser umas armas que encontramos no fim da primeira folha, as quaes são for-



O NOVO ESTABELECIMENTO BALNEAR E HYDROTHERAPICO NO ESTORIL.

(Cópia de uma photographia do major sr. Rodrigues dos Santos)

os nomes das pessoas vivas, pela mesma ordem em que haviam de desfilar no sequito, declarando os que levariam habito penitencial, afogeados, mordada ou carochia ou alguma outra penitencia e os relaxados, para poder dar a cada um, quando os fosse entregando, o que lhe competia, conforme a sentença; outra para o inquisidor encarregado de presidir á entrega dos penitenciados aos que deviam acompanhá-los, a qual era na mesma forma; outra para o meirinho, contendo, além dos nomes dos vivos, os dos defuntos, cujas sentenças tambem se leriam no auto e distincção das abjurações, para no mesmo modo fazer chegar os réos ao logar onde tinham de ouvir suas sentenças e juntar os que houvessem de abjurar em cada abjuração; e outra para os notarios, igual á do meirinho, para que fosse dando por ella os processos aos clérigos leitores das sentenças e as abjurações, a seu tempo devido; e no domingo de manhã mandou-se outra lista por um deputado a El-Rei e outras duas por familiares ao collecter apostolico e ao prelado diocesano.

Preparado tudo, e soando a hora marcada, poz-se em marcha a terrivel procissão: os frades da ordem de S. Domingos com o guião do Santo-Officio; o solicitador mais antigo, de vara alçada; alguns guardas dos carceres; um com mordagens para os presos que

sermão que em taes occasiões era da praxe, exaltando a religião catholica, condemnando as heresias e aconselhando para com os réos misericórdia; e, acabado o sermão, leu-se do pulpito o edicto da fé e monitorio geral, no qual se incitavam todos, convidados e povo, que immensa multidão de povo se reunira na grande praça, a denunciarem as culpas reservadas ao conhecimento do Santo-Officio, de que porventura soubessem.

(Continúa).

RAMOS-CORLEO.

OS MANUSCRIPTOS ILLUMINADOS

(Continuado do n.º 569)

Formoso livro de cantochão pertencente ao seculo xvi. Muito bem notada a musica, em tres li-

¹ O processo de Villa-Real assim o declara, e a lista do auto da fé dá p'uma nota manuscripta que assistiu El-rei, a Rainha, o Principe e os Infantes. Estes Principe e Infantes eram então: D. Theodosio de dezolito annos, D. Joanna, de dezesseis, ambos fallecidos no anno seguinte, 1653, o primeiro seis meses e o segundo onze depois do auto, D. Catharina, mais tarde rainha de Inglaterra, de quatorze, e D. Afonso e D. Pedro que vieram a ser reis, um de dez e outro de quatro.

madras por uma corôa de folhas, talvez de louro verde, com bagas vermelhas. Circunscripto n'ella um losango equilatero; postas em cruz, n'um campo de prata limitado pelo losango se encontram as quas e postas em quadrado se vêem quatro castellos dos lados d'este brazão, duas letras um ^{CA}F e um ^{CA}E.

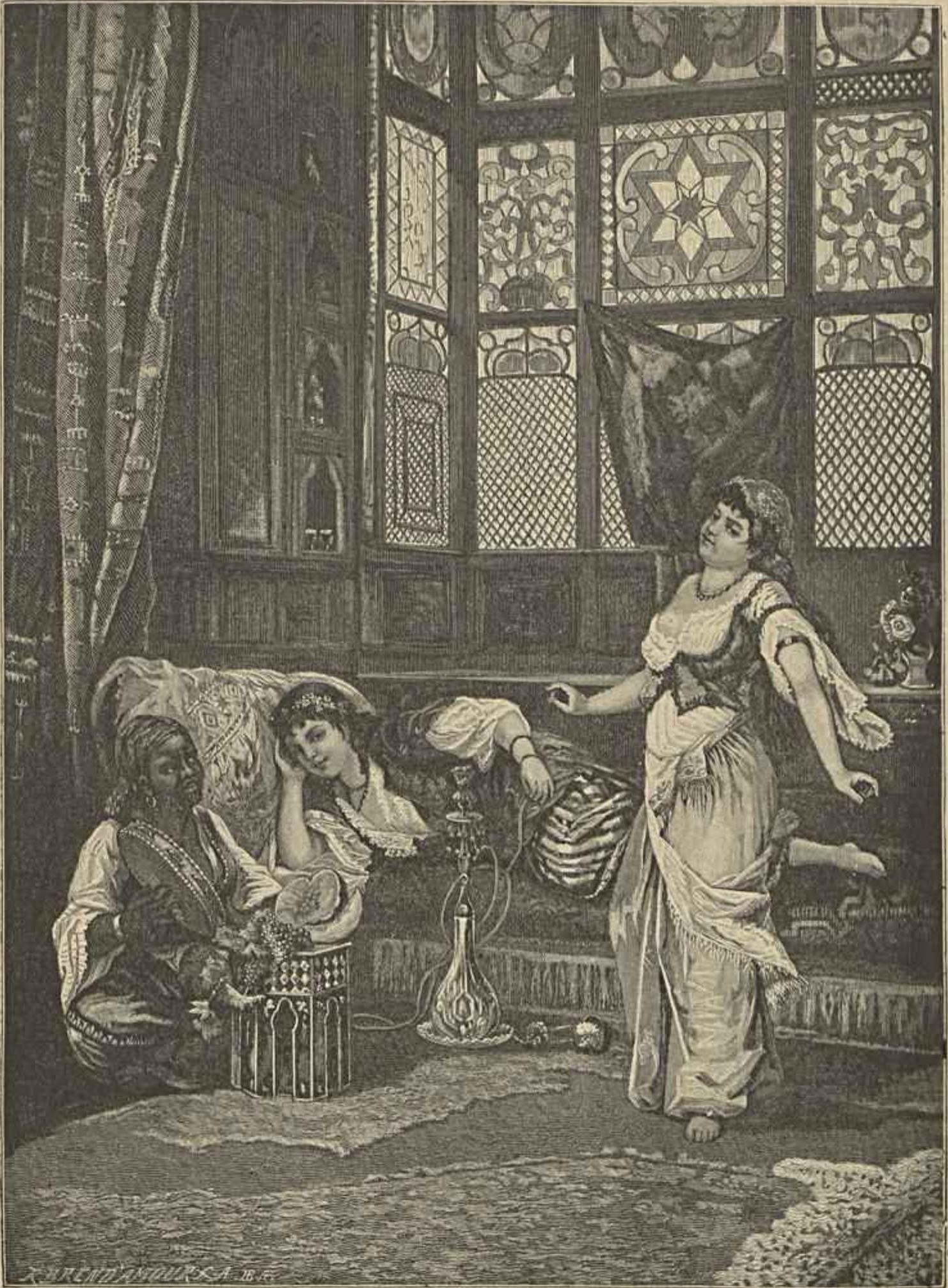
A encadernação, d'este volume, bastante damnificada, deixa perceber artisticos lavrados em estreitas faixas, medalhões com bustos de guerreiros, etc.

As capas tem prégos de metal.

Livro das festas novas. Grande manuscripto, em papel formato maximo. E' mui grosseiramente illuminado, perfeita decadencia. Comtudo lemos no frontespicio:

«Livro que mandou fazer á muito illustre Sr.^a D. Eugenia Jacinta de Vascos D. abbadesa deste Real Mosteiro de Lervam na era 1749.»

É encadernado em couro com dourados. Livro segundo das festas. Livro de cantochão



UM HAREM TURCO



O ESCULTOR QUEIROZ RIBEIRO NO SEU ATELIER

côla das artes decorativas de Paris, a academia Julien com o professor Puech, na escola de bellas artes o atelier Barrias, e tem estudado anatomia com Mathias Duval. Os seus trabalhos apresentados ao publico em Paris não passaram tão despercebidos que não obtivessem algumas palavras benevolas e animadoras de Charpentier, Charles Jacquêt e Ernest Dubois.

Os que visitando a exposição na livraria Gomes, analysarem os bustos de Queiroz Ribeiro, reconhecerão que, adquiridas a perfeição de desenho e a firmeza d'execução que só o aturado estudo e a practica do trabalho podem dar, será este um artista cujo merito occupará um distincto e honroso logar. A cabeça do Christo, que chora, reza e morre, sem ter a expressão de uma divina nobreza, accusa uma verdadeira e pungente dôr, a dôr intima e inconsolavel do innocente que resignado soffre. O busto do romano, mais correcto, e tambem mais conscienciosamente executado, tende menos ao effeito, mas revela mais persistencia em frente do modelo e tem bastante caracter.

Felicitemos Queiroz Ribeiro por em tão curto periodo nos apresentar estas talentosas provas da sua vocação artistica, que nos permitem esperar d'elle muito. Tem apenas vinte e quatro annos, vontade audaciosa, innegavel talento, e, tambem, a felicidade de poder tranquillamente entregar-se ao estudo e ao amor da arte. Se proseguir, como até aqui, um bello futuro o espera, cheio d'applausos e da nobre satisfação que devem sentir todos aquelles que pelo trabalho honram o nome da sua patria.

B. Sesinando Ribeiro Arthur.



REVISTA POLITICA

O *em regra* é uma questão morta por mais que a opposição puche por ella, no parlamento e na imprensa.

Depois que o sr. Baptista de Andrade, o official mais graduado da armada portugueza, aquelle que merece dos seus camaradas a maior consideração, se deu por satisfeito com as explicações, que, na camara dos pares pediu ao governo e lhe foram dadas pelo sr. presidente do conselho, parece-nos uma prefeta friuleira ioseatir no *em regra* sob pena de serém mais papistas que o papa os que se entrem a discurtir tal assumpto.

Para atacar o governo parece-nos pouco, para uma opposição que diz ter tanto por onde lhe fazer brecha, e só a desorientação em que tudo anda pôde explicar a furia com que essa opposição se agarrou ao *em regra*, fazendo expiar ao sr. dr. Antonio Candido a sua falta, mandando-o quebrar lanças na camara dos pares por esta questão de *Caput mortuum*.

E ao passo que na camara alta se perde o tempo com estas friuleiras, esgotando-se torrentes de rhetorica, palavras sem a menor utilidade, em que não ha uma unica idéa practica, nem elevação politica, passa quasi despercebido o que se está passando em Lourenço Marques, e quasi parece indifferente á camara as providencias que o governo deu para socorrer aquella possessão portugueza, tão cubicada pelos estrangeiros e tanto em risco de se perder.

O *em regra* é que é tudo; é n'elle que está a salvação ou perdição da patria!

Quem, francamente, pôde acreditar na sinceridade e convicção de uma opposição assim?

E' n'estas occasiões que nos applaudimos pela nossa insencção de politica partidaria, sentindo-nos preferentemente á vontade para apreciar-mos imparcialmente os actos do governo ou da opposição.

A opposição desauthorisa-se completamente pela forma por que se está conduzindo no parlamento, e se vai por este andar, consegue exactamente o contrario do que parece desejar, e dizemos parece por que temos duvida que ella queira succeder ao governo.

Cremos bem que não ha governos impecaveis e que todos commettem erros por que podem ser senurados e attaccados. A's opposições corre o dever de conhecer d'esses erros, de os estudar e de por elles atacar o governo que os commette, funda-

mentando os seus ataques, com razões que mostrem superioridade sobre os adversarios.

Quando não procedem assim, são opposições banaes, que provocam o riso ou a compaixão, e levam ao publico a convicção de que todos valem o mesmo, agressores e agredidos, quando não ficam ainda em posição inferior.

O que se tem escripto na imprensa, no interregno parlamentar, fazia prever que no parlamento a opposição empregaria as suas melhores armas para combater o governo, mas pela amostra que deu nos 20 dias a que as camaraz estão abertas, as armas são muito semilhautes ao sabre do general Boom, que no ardor da peleja se transformou em um saca rolhas.

Much ado about nothing.

O publico, que, em geral, não se interessa nada por estas questões parlamentares, interessou-se muito mais pelos acontecimentos de Lourenço Marques, incluindo o nosso alfayate, que, ha treze annos, quando em toda Lisboa se não fallava em outra coisa que n'aquella colonia d'Africa, nos perguntou muito intrigado.

— Mas quem é este Lourenço Marques que dá tanto que fallar!?

Agora já toda a gente sabe quem é o Lourenço Marques e toda a gente achou acertadas as providencias que o governo tomou, e todos elogiam o ministro da guerra pela promptidão com que organisou a primeira expedição de tropa, que partiu para aquella possessão, a bordo do *Cazengo*, no dia 15 do corrente.

Effectivamente a presteza com que se apromptou e seguiu viagem a expedição militar, mostra que não tem sido improficuo o trabalho do sr. Pimentel Pinto, ministro da guerra, em organizar, disciplinar e elevar o nível do nosso exercito, que, diga-se a verdade andava muito descuidado n'estes ultimos annos.

Não podia ser mais eloquente a fórma porque o sr. Pimentel Pinto respondeu á opposição ridicula que alguns jornaes lhe estavam fazendo, porque respondeu com factos a essa opposição de palavriado, em que muito especialmente se tem distinguido o *Tempo*, jornal do sr. Dias Ferreira.

Esta opposição do *Tempo* tem uma explicação que nos parece razoavel e é que, na opinião do sr. Dias Ferreira o ministro da guerra não deve cuidar do exercito, e isto prova-se com o ministro da guerra que elle teve durante o seu governo, que não fez nada.

Pelo menos ha coherencia n'este seu pensar, sr. conselheiro!

Mas como nem todos pensam do mesmo modo acontece que o publico ficou satisfeito com a presteza dezusada com que viu apromptar a expedição para Lourenço Marques, e reconheceu que para esse facto se dar é preciso que os serviços do exercito estejam bem organizados, de um modo pratico, que justifique as sommas que esse exercito custa á nação.

Não menos impressionou agradavelmente o publico, vêr a boa vontade, o enthusiasmo até, com que esse ponhado de portuguezes foram para alem mar defender um pedaço da patria legado por nossos maiores.

Vê-se que o animo é o mesmo. Questão de raça a quem as aventuras da guerra reduz de preferencia a todos os commodos da vida.

Ainda ha bem pouco se experimentou isso na guerra da Guiné.

Uns duzentos marinheiros bateram-se com milhares de negros e reduziram-nos á obediencia.

Foram ali á Guiné bateram-se e voltaram com a mesma facilidade com que vão a Cacilhas passear pela Outra Banda em alegre burricada.

E a respeito de dados biographicos do sr. ministro das obras publicas, nada de novo.

O *Correio da Manhã* entupiu.

João Verdades.

ALMANACH ILLUSTRADO DO «OCCIDENTE»

Para 1895

Sae brevemente a publico este magnifico annuario para o qual se recebem desde já encomendas na

Empreza do «OCCIDENTE», L. do Poço Novo, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Barata & Sanches, antiga casa Adolpho, Modesto & C^a